

• / AGO 1974

Brasília

ATUALI



Mestre Lúcio Costa está na cidade

"A cidade planejada por Lúcio Costa é uma. Esta de hoje é outra. Fugiram completamente ao plano, por interesse, medo ou falta de conhecimento. Está tudo errado. A W-3, por exemplo, não previa casas comerciais e bancos, como hoje. E ai está a razão dos congestionamentos. Para isso tinham sido planejados os setores bancários e comerciais" Estas palavras estão na **História de Brasília**, escritas pelo ex-diretor da Novacap, o senhor Ernesto Silva, e que vêm muito a propósito, num momento em que há um Seminário e tanto se fala dos problemas urbanísticos, humanos desta cidade.

Fosse repórter teria uma porção de perguntas a mestre Lúcio Costa e que, geralmente, escapam a quaisquer entrevistas, muitas até a envolver um livrinho seu publicado por ocasião do cinquentenário do **Correio da Manhã**, quando, numa linguagem simples e humana, fala da arquitetura do Rio, nas suas diferentes fases, apontando muitos prédios pioneiros, sem perder de vista o sócio-histórico. Graças às suas palavras andei por muitas ruas à cata de endereços, como daquele edifício das proximidades do ex-Hotel dos Estrangeiros, no Flamengo, que foi o primeiro a se utilizar do "brise-soleil", depois lançado no prédio do Ministério da Educação e outras construções da cidade. Este trabalho está hoje esgotado e me parece que ninguém lembrou-se de reeditá-lo. Muito se aprende com sua leitura, e não implica apenas na história arquitetônica de uma cidade, mas também na suas visões de uma arte bem mais humana do que se supõe, guardando idéias, até mesmo ludismo, freqüentemente insensíveis aos donos da Arquitetura, que são as imobiliárias, os especuladores de toda ordem. No plano urbanístico, não considero muito o "amor" ou "desamor", que ainda no outro dia, atribuía-se às distorções do Plano original desta cidade, da parte dos que vêm de fora comandá-la e gerí-la, mas sim à vaidade, e, em doses cavalares, a burrice. Neste ponto Brasília não está sozinha e, recuando um pouco no tempo, vamos encontrar o Plano Agache, para o Rio de Janeiro, mais precisamente para a Esplanada do Castelo, bem pouco tempo depois desvirtuado.

Hoje, praticamente não existe, a não ser em parcos vestígios aqui e ali, para não falar de outros planos maiores ou menores, envolvendo ainda o problema dos gabinetes. Agora mesmo, Lúcio Costa traça o urbanismo da Barra, e a tinta ainda nem secou e já os jornais começam a denunciar irregularidades, sem que ninguém ponha cobro, como o foi com toda a orla marítima de Copacabana, no passado, aliás bem assinalado pelo próprio urbanista em seu livro.

Pergunto-me, às vezes, se seria o caso de leis rígidas, como a de determinadas cidades europeias, onde não se abre um buraco sem que venham vários serviços verificar e aprovar, principalmente o que eles chamam de Arqueologia.

Mas, por aqui, antes que se proibisse qualquer coisa de nós contribuintes, muito ter-se-ia de pedir às próprias autoridades, culpadas por noventa e nove por cento do que aí está, sem que prestem contas a ninguém. Bom seria também fazer ver, delicadamente, às nações nossas amigas, que se nos quisessem doar estátuas ou o que fosse, que fizesssem às nossas cidades tradicionais e não à Brasília, que não foi urdida para tais bustos, imagens nacionais ou gringas.

Mas o bom-mocismo funciona e nada se diz. Fico imaginando os sinos doados à Catedral, por exemplo, numa cidade concebida com igrejas sem sinos, somando-se assim, embarracadamente, mais um erro, uma alteração no elenco do que existe e existirá no futuro.

Se uma das idéias de Lúcio Costa era integrar nas quadras toda a gama populacional da cidade, o fato não aconteceu e aí está na periferia aquelas casinhas horrendas, construídas a sopapo, espalhadas uma nas outras, sem forro e em ruas lamacentas e empoeiradas. "Pobre que se dane!" - parecem censurar seus mestres, mandando às favas os princípios básicos não apenas arquitetônicos como urbanos. Se formos comparar estas malditas habitações, que ao longe parecem mais cemitérios brancos e de guerra, com as avenidas construídas, no início do século, pelas fábricas inglesas e francesas no Brasil, principalmente de tecidos, vamos ver que, sem demagogia, eram verdadeiros palácios, como um conjunto há pouco existente na Rua do Senado, no Rio. E sem ser um exemplo isolado, pois há vários, tudo foi realizado num tempo em que não se falava em leis trabalhistas ou da previdência e o interesse das organizações particulares visava apenas localizar seus empregados perto dos locais de trabalho, dando-lhes condições humanas de bem-estar a baixo preço.

Li as declarações de Lúcio Costa nos jornais, como tudo que ele escreve e diz, e não deixo sempre de entendê-lo, adivinhando-lhe mesmo uma grande dose de bondade, de paciência oriental com a cumplicidade, com a mediocridade que aí está, não valendo muito irritações e palavras azedas. Sempre haverá o político abrindo uma cratera para por uma placa com seu nome por cima, aquele que não completará a obra do outro apenas para não cortar-lhe a fita de inauguração, pois administração nenhuma elogia a que lhe antecede. A máquina administrativa não tem grandeza. E político mediocre público, como aqueles de que nos fala o livro *Le Clochemerle*, nos fala o livro *Le Clochemerle*.

As vezes fico pensando no Barão de Haussmann e seu plano famoso de Paris e que já tem mais de cem anos, realizado num tempo de tração animal e sem a menor perspectiva do automóvel. Basicamente ele lá está, sofreu toda a crítica possível como séria natural, mas lá está, sem que ao longo de sua história se falasse das misérias que por aqui ocorrem, neste desrespeito próprio da mediocridade e da capacidade, contra quem muito vem realizando no plano da Arquitetura e do Urbanismo, no Brasil e fora deles.

Devo lembrar ainda da ação de Lúcio Costa como diretor da Escola de Arquitetura, ao tempo do primeiro Ministro da Educação, Francisco de Campos, quando iniciaria uma verdadeira revolução, graças às idéias de Warchavchik, que, sem dúvida alguma é o pai legítimo da arquitetura moderna no Brasil. O seu primeiro prédio moderno foi idealizado e construído nos idos de 1930, para o que desenharia até os móveis, introduzindo em nosso meio a madeira compensada e os basculantes. Sua mulher, Mina Warchavchik, idealizaria os jardins tropicais e, apesar dos pesares, muita gente desinformada acredita que tudo começou com Le Corbusier, graças ao edifício do Ministério da Educação, que foi o também primeiro prédio oficial concebido dentro do espírito modernista, mas isto já no ano de 1936/37.